

FAZENDO ARTE NA LITERATURA: um panorama lúdico e estético da literatura infantil e juvenil brasileira.

Cristina Maria Vasques

Orientação: Prof^a. Dr^a. Karin Volobuef.

RESUMO

Esta tese de doutorado tem por objetivo apontar aspectos que favorecem a análise literária de narrativas infantis e juvenis brasileiras, de modo que possam servir de orientação (a professores e pais, principalmente) na escolha de obras literárias. Encontramos em Perrone-Moisés (1998) características – empregadas por escritores canonizados em suas escolhas literárias – bem definidas e didaticamente elencadas, que conferem ao texto escrito o *status* de arte. Para chegar à qualidade artística da literatura que nos propusemos a estudar, foi necessário compreendermos as noções de arte e estética literária. Conscientes de que a literatura transita também pela área da educação, fizemos algumas reflexões sobre o espaço que hoje ocupa – e os problemas que enfrenta – nas escolas brasileiras. Tratando-se do estudo de uma literatura brasileira, ramo do mesmo tronco em que se apoia toda a literatura universal, mas, agora, feita por brasileiros, discorremos sobre as influências que recebeu e as dificuldades que enfrentou para constituir-se genuinamente nacional; e sendo uma literatura supostamente destinada a um público peculiar, fizemos um apanhado histórico dos conceitos de infância, adolescência e juventude, buscando as especificidades que deve ter para atingir o objetivo de chegar a esse público. As obras que examinamos – que no conjunto, compreendem o período que vai desde o final do séc. XIX até o final da primeira década do séc. XXI –, foram selecionadas a partir de pesquisas junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e à Câmara Brasileira de Letras, instituidora do Prêmio Jabuti; de autores consagrados pela produção adulta que também escreveram para o público mais jovem; e, por fim, do nosso gosto pelo lúdico e conhecimento sobre educação, psicologia infantil e do desenvolvimento, língua portuguesa e literatura. Optamos por uma análise encetada em ordem cronológica inversa, por acreditarmos, como Barreto e Laet (1918), que a linguagem e os contextos contemporâneos são mais fáceis de serem compreendidos e, conseqüentemente, apreciados. Encontramos, assim, uma literatura alegre, bem humorada – mesmo quando trata de assuntos sérios –, riquíssima em termos de linguagem, temas, efabulação e hibridismo de

gêneros e forma. Percebemos também que a narrativa imagética, menos explorada na literatura adulta, vem sendo, cada vez mais, coadjuvante precioso da escrita supostamente produzida para crianças e jovens, agregando a ela maior saturação de sentidos, fazendo-a atrativa a todo o público leitor e, especialmente, àquele em fase de formação.

Palavras-chaves: literatura brasileira, literatura infantil e juvenil, arte literária, análise literária, critérios para a análise literária, narrativas.

INTRODUÇÃO

Emília e toda a turma do Sítio do Picapau Amarelo, o menino maluquinho, Alice do país das maravilhas, Peter Pan, Harry Potter e tantos outros, ocupam posições de destaque na lista dos personagens mais conhecidos do público – seja ele criança, jovem ou adulto. No entanto, esses personagens são conhecidos não pela leitura das obras em que nasceram, mas principalmente devido às produções – para televisão e cinema – que os extraíram das páginas dos livros que lhes deram origem e os colocaram na mídia, envoltos por intenso aparato publicitário.

Acontece que essas figuras nasceram em tinta e papel, geradas pela imaginação de pessoas – autores – que, dotadas de conhecimento e sensibilidade, juntaram palavras e criaram mundos. E esses mundos, esses personagens que habitam esses mundos, ainda que tenham transitado por veículos diferentes daqueles em que germinaram – os livros –, são mundos e personagens literários, com especial capacidade para despertar o prazer da leitura. Da *boa* leitura! E é esse, justamente, o ponto de partida e de chegada das páginas a seguir...

Nosso objetivo, nesta tese de doutorado, é o de destilar critérios que possam ser empregados na leitura de algumas narrativas infantis e juvenis brasileiras, publicadas em diferentes momentos de nossa literatura, a fim de que pais e professores possam ser orientados na escolha de obras a oferecer aos seus filhos e alunos. Nessa leitura, a estrela-guia que pretendemos seguir é a qualidade artístico-literária do material, ou seja, seu caráter estético, seu caráter de *literatura* e não simplesmente de ferramenta a serviço de propósitos pedagógicos. A opção por essa trilha foi-se delineando a partir de 2005, ainda durante o Mestrado neste mesmo Programa de Pós-Graduação, quando trabalhávamos com *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e nos deparamos com diversas manifestações que expressavam dúvida ou ceticismo quanto à natureza *artística* da literatura infantil e juvenil.

Leitora assídua desde criança, quando tivemos o privilégio de “morar” em diversos livros, sempre voltamos às obras que tornaram nossa infância repleta de encantos. Anos depois, esses encantos continuaram presentes no nosso mundo de adultos, demonstrando que não se tratava de “coisa de criança”. O prazer da visita a esses livros é sempre o prazer de reencontros: com amigos distantes no tempo, com lugares quase perdidos no espaço físico e temporal e, principalmente, o prazer do reencontro conosco, com todas as vozes do nosso passado, que nos constituíram na pessoa que hoje somos.

Quando passamos a estudar os aspectos narrativos das obras infantis e juvenis, em busca, por exigência da pesquisa, não mais dos encantos das obras, mas de elementos que subsidiassem nossa investigação, nem assim pudemos deixar de penetrar, em imaginação, nos reinos criados pelas palavras daquelas histórias e de outras, mais recentes, que ainda não conhecíamos. Assim, por mais imparciais e objetivos que procuramos ser, mesmo dando prioridade a alguns aspectos em detrimento de outros, foi impossível deixar nosso próprio gosto de lado ao escolhermos as obras a serem analisadas nesta tese.

Nossa intenção era examinar toda a literatura infantil e juvenil brasileira desde sua origem, no final do século XIX, mas, como isso seria amplo demais, decidimos trabalhar apenas com uma seleção de *narrativas*. Para nortear essa seleção, optamos por obras de autores premiados – embora nem sempre escolhêssemos as obras premiadas – e de autores consagrados por obras “adultas” que escreveram também para crianças.

Contudo, há, em nosso *corpus*, textos que não se encaixam nessas categorias. Isso se deve a um fator adicional, que se refere ao fato de que foi somente no ano de 1959 que houve a instituição de prêmio para a literatura infantil e juvenil no Brasil – o Prêmio Jabuti. E, antes dessa data, surgiram muitas obras que, até hoje, são amplamente difundidas e lidas pelas crianças e jovens brasileiros, como as de Monteiro Lobato, dentre outros vários autores. A relevância dessas obras, bem como o fato de serem significativamente recorrentes em livros didáticos e teóricos, nos fez incluir alguns de seus títulos em nosso rol de análise.

Dado que os critérios utilizados para a seleção nos levavam a um *corpus* com cerca de duas a três mil obras a serem analisadas, foi necessário outro corte. E esse corte foi baseado, assumimos, em nossa própria sensibilidade, em nosso gosto pelo lúdico e pela imaginação, mas também no conhecimento adquirido por meio de estudos sobre psicologia infantil e do desenvolvimento, sobre educação, língua portuguesa e literatura. Dessa forma, nossa escolha por um enfoque estético da literatura infantil e juvenil não despreza o que Marc Soriano chama de “vocação pedagógica” desse gênero literário – que acreditamos ser intrínseca a toda literatura –, bem como seus aspectos linguísticos e psíquicos, mesmo porque temos consciência de que a criança vive a fase do conhecimento do mundo – inclusive da língua –, e o jovem, a do (re)conhecimento.

Para chegar à qualidade artística da literatura infantil e juvenil brasileira, finalidade primordial deste estudo, foi preciso, num primeiro momento, discorrer brevemente sobre o percurso histórico da noção de *arte* – e arte literária –, e refletir a respeito do enfoque que privilegiamos na avaliação das obras aqui analisadas. Essa exposição e essa reflexão constituem-se no primeiro capítulo desta tese.

Conscientes de que a literatura tem uma forte vocação pedagógica desde as suas origens mais remotas, buscamos ponderar sobre o cenário que a literatura efetivamente ocupa no Brasil contemporâneo: a escola, espaço privilegiado para a formação – inclusive literária, pressupomos – de crianças e jovens brasileiros, bem como os problemas que enfrenta nesse espaço. A esses aspectos dedicamos o segundo capítulo.

Como tratamos de uma literatura destinada, atualmente – há cerca de um século e meio, apenas – e socialmente, a um público específico – as crianças e os jovens –, procuramos, no terceiro capítulo, fazer um apanhado histórico dos conceitos de infância, adolescência e juventude, a fim de que pudéssemos compreender a quem essa literatura chamada de *infantil e juvenil* realmente se destina e quais as especificidades que deve conter para atingir seu objetivo de chegar a esse público. Nossas reflexões nos levaram a concluir que infância, adolescência e juventude não podem ser cronologicamente definidas, pois são etapas de *formação* do homem e, portanto, não pode haver uma literatura infantil ou juvenil, mas uma *literatura de formação*.

O quarto capítulo trata das origens da literatura brasileira e da literatura para crianças e jovens brasileiros, esta nascida da primeira e ambas ramos do mesmo tronco sobre o qual se apoia toda a literatura mundial. Neste mesmo capítulo ainda abordamos as influências que a nossa arte literária – infantil, juvenil ou “adulta” – recebeu e as dificuldades que enfrentou até constituir-se genuinamente nacional – feita sistematicamente por brasileiros, com as características do Brasil e do seu povo.

No quinto capítulo iniciamos as análises das obras literárias que escolhemos como *corpus* desta tese. Optamos, aqui, por encetar nossa trajetória analítica a partir de narrativas contemporâneas, mais próximas da realidade do potencial público leitor de hoje e, por isso, mais acessíveis em termos de contexto e de linguagem. O motivo para essa inversão (visto que nos capítulos precedentes nossa linha era cronológica ascendente) é uma preocupação mais ampla, pois cremos que este estudo talvez não se destine somente a especialistas em literatura, mas também (e quem sabe, principalmente) àqueles que desejam conhecer as peculiaridades da arte literária destinada a crianças e jovens. Pensando nesse viés, nosso estudo pode ser entendido como uma leitura útil aos que desejam ver, ler, sentir, compreender a riqueza e ousadia dessa literatura e, assim, possam ter uma pequena ajuda que os auxilie a fundamentar suas próprias escolhas e selecionar obras que promovam a *experiência* com essa linguagem – e, conseqüentemente, o prazer da leitura literária – para oferecer a seus alunos e filhos. Dessa forma, o quinto capítulo trata de obras publicadas já no século XXI.

Privilegiamos, no sexto capítulo, as obras das duas décadas finais do século XX. Isso se deu por dois motivos principais. Um deles é o fato de haver poucos estudos que tratem especificamente desse período e o outro está ligado à maior conscientização nacional sobre a necessidade da leitura literária para a formação integral dos indivíduos, o que ocasionou uma verdadeira explosão de obras e autores de excelente nível que, infelizmente, ainda são pouco conhecidos do público. Neste capítulo, as obras não foram analisadas em todos os seus aspectos, mas apenas naqueles que ainda não haviam sido enfocados em outros estudos.

Por fim, examinamos a literatura para crianças e jovens produzida entre o final dos anos de 1970 e os anos de 1920, buscando apontar, em algumas obras desse intervalo de tempo, sua atualidade e sua importância. Da mesma forma que no capítulo anterior, analisamos somente os aspectos ainda não privilegiados em estudos anteriores, os quais atestam a permanente atemporalidade e universalidade dessas obras. A isso foi dedicado o sétimo capítulo.

Em compasso com o desenvolvimento tecnológico mundial utilizamos, na pesquisa que empreendemos durante os últimos quatro anos e meio, não somente um número considerável de obras teóricas e literárias, mas também a internet. Esse instrumento facilitou sobremaneira os nossos estudos, uma vez que possibilitou o acesso a teses, artigos científicos, livros e matérias jornalísticas que antes só eram possíveis de duas maneiras, ambas extremamente morosas: por meio de empréstimos entre bibliotecas ou pelo deslocamento pessoal até as bibliotecas ou arquivos onde as teses, livros, artigos, jornais e revistas se encontram. Com o propósito de otimizar nosso acesso ao material, recorreremos, assim, a grande quantidade de fontes provenientes da rede virtual, que permitiram o enriquecimento das informações contidas nesta tese. Todas essas fontes estão devidamente referenciadas conforme as normas bibliográficas sendo passíveis de serem consultadas e conferidas.

Antes de iniciarmos nossa imersão na literatura brasileira, feita por brasileiros – e hipoteticamente destinada a crianças e jovens –, com características da mais genuína brasilidade – alegria, humor, informalidade, extroversão, cor e vida – desejamos a todos os leitores deste estudo o mesmo prazer, o mesmo deleite, os mesmos gozos que tivemos a oportunidade de desfrutar durante o período em que mergulhamos nesse universo de imaginação e ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um texto nunca fica pronto, sempre pode ficar melhor, mais claro, mais límpido. (Ziraldo).

Como grande parte das obras que apresentamos neste estudo, também os nossos sentimentos, agora, são ambíguos. Estamos felizes pela realização deste trabalho, ainda envolvidos pelos mundos imaginados que percorremos, ainda em companhia de pessoas de tinta e papel que se tornaram nossos amigos íntimos e com quem nos aventuramos em percursos divertidos, misteriosos, lúdicos, alegres e tristes, mas todos extremamente prazerosos, de leituras, releituras, re-releituras, re-re-releituras, reflexões, rabiscos – *palimpsestes* – e escrituras. Paradoxalmente, estamos tristes, porque temos que voltar à realidade e abandonar – ao menos por um tempo, e esperamos que *só* por um tempo pequeno – esses mundos onde estivemos e esses amigos que fizemos, a fim de decidirmos sobre os nossos próximos passos.

Procuramos ser claros e sucintos e transmitir ao leitor nossas preocupações e as respostas a que chegamos depois de quatro anos de pesquisas (na verdade, oito anos de pesquisas, pois as iniciamos em 2004) e, assim, dar uma contribuição ao debate que hoje se faz em todo o mundo ocidental, em relação à importância da leitura e da literatura para a formação de indivíduos livres, autônomos, participativos, conscientes de si e do mundo em que vivem. A despeito de todas as dúvidas que nos acompanharam e ainda acompanham, temos a convicção de que “um país se faz com homens e livros”, como bem disse Lobato, e que esses homens precisam apreciar esses livros a fim de construir seu país, a começar pela construção de si mesmos enquanto humanos e cidadãos. E que essa apreciação não é gratuita e instantânea – ainda que vivamos num período em que tudo parece se “desmanchar no ar” –, mas demanda a mobilização de conhecimentos que só podem ser internalizados gradativamente.

Por isso, em diversos momentos deste estudo, apontamos para o fato de que a literatura – a arte literária – chamada de infantil e juvenil não deve ser apartada da literatura como se fosse menos artística, porque não o é. Ao contrário, conjuga a arte das palavras, explorando inúmeras de suas dimensões e possibilidades: semântica, sonoridade, efeito gráfico (letras e/ou palavras enquanto desenho), etc. Em suas páginas a palavra é Verbo germinal que faz surgir mundos, assim como o “Abre-te Sésamo” que destravava os mais sólidos ou evasivos mistérios. Conforme procuramos mostrar em nossas análises, a literatura

infantil e juvenil – que preferimos chamar de *literatura para a formação de leitores* – lança mão dos mais variados recursos – que longe estão de serem exclusividade das Letras adultas e cultas: o riso, o fantástico, a ironia, o duplo sentido, a poesia. Vale-se também das estratégias da tecnologia e das artes plásticas e visuais como nenhum outro gênero literário (embora haja a literatura chamada de experimental, que segue uma linha vanguardista/modernista) e brinca deliciosamente com o concretismo, impressionismo, surrealismo e de outros “ismos”. Assim, agrega às páginas dos livros múltiplos significados que se descortinam ao leitor conforme ele adquire *experiência* com a linguagem literária.

Nossas pesquisas nos levaram, enfim, a refletir sobre o ser criança, jovem, adolescente ou adulto em nossa sociedade contemporânea. E essas reflexões nos apontaram que isso é uma questão relativa, ligada diretamente ao amadurecimento cognitivo e emocional de cada um. *Grosso modo*, há crianças que assumem posturas mais adultas do que os adultos, e adultos que, por motivos os mais variados, não conseguem ser autônomos e permanecem adolescentes, mesmo depois de velhos. Além disso, nossa sociedade capitalista atua de forma a produzir consumidores mais cedo, dando origem agora a uma infância “adultizada”, ao mesmo tempo em que, na ânsia de manter o capital, apregoa o vigor e a disposição – mantida pelas novidades de consumo – da juventude, gerando uma vasta população de adultos infantilizados.

Assim, como podemos falar de “crianças”, “adolescentes”, “jovens” e “adultos”, generalizando cada uma dessas etapas? Como avaliar uma pessoa, a não ser por sua maturidade, por sua experiência, por sua autonomia? Como dividir a arte em bocados destinados a crianças, outros reservados a jovens e ainda outros, a adultos? De que forma separar a literatura – que é arte – nos baseando em conceitos tão imprecisos? Essa é uma incógnita que, por mais que tenhamos estudado, permaneceu, reforçando nossa crença em uma arte – neste caso, a literária – que pode ser empregada na *formação* de apreciadores – leitores de literatura –, e que vem sendo chamada, talvez pela falta de outro termo, de “infantil e juvenil”.

Porém, constatamos também que não basta dar – ou recomendar – um livro a alguém e forçá-lo a ler, como acontece nas escolas brasileiras – e em muitos lares. Isso, de acordo com a grande maioria dos estudiosos do assunto que foram por nós consultados (e em compasso com nossas experiências), tem efeito contrário: a leitura obrigatória desperta aversão e ódio pela literatura. É necessário, então, que pais e professores *ensinem* que a literatura existe para nos dar prazer, para nos instigar a imaginação. E para que isso aconteça, esses pais e professores precisam, eles mesmos, descobrir o prazer da leitura. Afinal, como é que se pode

ensinar alguém a apreciar algo que nós mesmos não gostamos de fazer? Pais e professores que não têm o hábito da leitura, portanto, precisam adquiri-lo, a fim de exemplificar, com as suas próprias experiências, o gozo proporcionado pela leitura literária. Em relação a isso acreditamos, como Ziraldo (OLIVA, 2005, grifos nossos – *online*), que

a única forma de estimular a leitura [...] é a participação. Criança vai gostar de ler se o professor ou os pais começarem a ler livros junto com ela. A leitura compartilhada é o segredo. Como também é a *não cobrança* de resultados. Leitura não pode nunca ser ligada à idéia de dever. *Ler não é um exercício*. Exercício é obrigação [...]. Ler tem que estar ligado ao prazer [...]. Agora, se a professora não encontra prazer em ler, dificilmente ela poderá ajudar seus alunos.

Talvez a solução fosse mesmo a sugerida por Ziraldo: criar, no currículo escolar dos primeiros anos do Ensino Fundamental, a disciplina “Gostar de Ler” e ocupar os alunos somente com a leitura e a literatura.

A escola não pode transformar ler em dever, em obrigação. **Ler é básico**. O jovem lê pouco no mundo inteiro. Por isso eu acho que tem de haver um esforço, um esforço sério, com base na simplicidade. Um esforço que ensine as crianças a gostar de ler e nem será preciso se preocupar com o resto. Se você tem uma população de 10 anos lendo e escrevendo, tem um ensino médio facilitado e uma universidade ótima. Outra coisa: a escola não deveria distanciar a criança do prazer da descoberta da leitura. Quando a criança ainda não tem formação de leitura, começa a estudar sintagmas, funções do adjetivo, um exagero. Não tem que dar especialização à criança, ela tem que dominar o código de leitura com prazer. A escola teria que se concentrar mais nesse assunto, que também é discutido nos Estados Unidos e na França. (PORTAL, 2011, grifo do autor – *online*).

Depois que o gosto pela literatura se instituir, que a linguagem artística se tornar um hábito, então o interesse pelos clássicos – obras de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Lima Barreto, etc., leituras mais complexas porque utilizam linguagens regionais e de outras épocas, bem como contextos diferentes dos do cotidiano do público da atualidade – seria consequência da *experiência* com a arte literária. Isso nos parece lógico, uma vez que temos consciência de que, ainda que portadores de vastas experiências de mundo e de linguagem, propiciadas principalmente pelos avanços tecnológicos (especialmente a TV e o computador), os brasileiros têm pouquíssima experiência com a linguagem artístico-literária, conforme expusemos no capítulo I desta tese.

Uma vez que fomos levadas às Letras por percebermos, em nossa graduação em Pedagogia, que a avassaladora maioria dos pedagogos não sabe o que é literatura – nós

também não sabíamos e tivemos bastante dificuldade em entender as especificidades da arte literária, dificuldades essas que nos levaram a pensar no tema (e na execução) desta tese – e devido a essa formação, bastante contundente em nossa vida pessoal e profissional, é impossível que separemos a literatura da Educação. Uma é consequência da outra, independentemente da ordem em que aparecem. Isso significa que, a nosso ver, a literatura (até mesmo por sua natureza, como vimos nos capítulos II e IV deste trabalho) é Educação, na medida em que nos forma não somente leitores, mas cidadãos, *ensinando-nos* a compreender o mundo em que vivemos – como parte dessa aprendizagem, a consciência de que a literatura deve proporcionar prazer ao leitor – e, de posse desse conhecimento, possibilitar nossa integração a ele, plenamente, por meio da reflexão, da consciência de nós mesmos e da alteridade, da crítica e da participação.

De outro lado, a Educação jamais se realizará sem que os indivíduos consigam entender e serem entendidos, ou seja, sem que consigam se comunicar com clareza, o que implica no conhecimento dos códigos da linguagem. A literatura, desta forma, é que vai nos garantir a capacidade da comunicação eficaz, uma vez que opera, com proficiência, as possibilidades e os sentidos dos códigos linguísticos.

Interdependentes, literatura e Educação caminham amalgamadas desde o princípio, quando tudo “era verbo” e do verbo, construiu-se o mundo e o homem. E não conseguimos vê-las de forma diferente, mesmo que as Letras e a Educação, ao longo dos séculos, tenham se constituído em saberes (e áreas) diversas. Porém, nenhuma subsistiria sem a outra, a exemplo do que aconteceu na Torre de Babel: se não há uma comunicação – determinada pela linguagem – eficiente, não há possibilidade de edificação. Edificação de mundos, de lugares, de sonhos, de caminhos, de objetivos. Não há possibilidade de se *ser* humano, enfim.

Assim, ainda que não seja o objetivo de nosso estudo, deixamos uma sugestão para que nós, pais e profissionais das Letras e da Educação reflitamos, critiquemos e ajamos, em consonância com nossa formação pessoal, profissional e intelectual, no sentido realmente contribuirmos para a *formação* humana.

Reiteramos nossa concordância com Ziraldo no que diz respeito à formação do indivíduo e levantamos, aqui, a “bandeira” pela institucionalização da disciplina “Gostar de Ler” nos primeiros anos da Educação Básica nacional. Para que isso se torne realidade, será necessário que professores leiam, a fim de conhecerem as obras literárias e dominarem os códigos da linguagem. Isso demandará, por sua vez, que as universidades ofereçam disciplinas que *formem* professores-leitores crítico-reflexivos, aptos a ensinar a ler.

Ler deixará, assim, de ser obrigação-e-recompensa em sala de aula, para constituir-se em fator de construção de humanidade, de *formação* de cidadãos, seja ele criança, jovem ou adulto (ou idoso) frequentador de salas de EJA.

Porém, a institucionalização da matéria “Gostar de Ler” ainda não aconteceu. Enquanto lutamos por isso, nós, professores, podemos lançar mão de estratégias que nos auxiliem a formar integralmente nossos alunos, utilizando a literatura como fundamento – Barthes nos apoiaria incondicionalmente.

Devemos, assim, oferecer aos nossos alunos todos os tipos e formas de textos literários, a fim de que eles se familiarizem com o objeto-livro. Há livros-chocalhos, livros de plástico, pano, madeira, livros com imagens que literalmente saltam das páginas, livros-brinquedo, livros só de imagens, livros em que a participação do leitor é determinante dos rumos da narrativa, livros em branco, livros finos, grossos, largos, estreitos, grandes, pequenos e de tantos outros tipos e formas que não nos surpreende saber que existem até os comestíveis! O importante é que nós, professores, ofereçamos as mais variadas oportunidades de contato físico do leitor em formação com o objeto-livro, a fim de que ele (o leitor) perceba, concretamente, que a literatura é arte.

Mesmo que nossos alunos já tenham sido alfabetizados, podemos lhes contar histórias, ou seja, fazer leituras interpretativas de histórias (com vozes diferentes, roupas e adornos característicos da época de que a obra trata, criar gestos e caretas), apresentar imagens (desenhos, fotografias, slides do livro) enquanto lemos, e inventar um tanto de outros artifícios para atrair seu desejo pela leitura literária.

A título de exemplo, ilustramos o “instigar” à leitura com o relato de nosso primeiro contato formal (na escola) com a literatura. Nossa professora de primeiro ano primário (hoje primeiro ano do Ensino Fundamental) adotou não uma cartilha, mas um pré-livro, *O Presente*, de Magdala Lisboa Bacha, para nossa alfabetização. Nós ficamos com a capa e o miolo do livro nos foi dado, página por página, à medida em que nos familiarizávamos com as letras e palavras do texto.

Tratava-se, a narrativa do pré-livro, da história dos irmãos Mara e Fábio, moradores da cidade. Eles aguardavam a visita de tio Roberto, que vinha da fazenda trazendo-lhes um presente em uma caixa enorme, embrulhada com uma larga fita vermelha terminada em um belo laço, o que despertava a curiosidade de todos. Porém, o segredo do presente só foi revelado na última página da narrativa, quando todos nós, alunos, já estávamos alfabetizados.

Enquanto aprendíamos as letras por meio da história de Bacha, nossa professora nos dizia: “Vocês não se atrevam a ler livros em casa! Vocês ainda estão *aprendendo* a ler, mas

ainda *não sabem* fazê-lo!”. Até hoje não sabemos se ela falava a sério ou não, mas preferimos acreditar que foi o modo que Dona Lourdes (esse era o nome da professora. O sobrenome, infelizmente, ficou perdido entre os momentos vividos nos anos que se passaram) encontrou para nos incentivar à leitura: o proibido, sabe a psicologia, é extremamente atrativo! Não havia nenhum de nós, alunos, que não praticasse a leitura em casa! – obviamente, “escondido” da professora!

Embora nossa professora não nos tivesse apresentado aos livros em sala de aula, ela o fez de forma indireta, nos levando a buscar a leitura. Mas isso aconteceu quando a televisão ainda não era um objeto do cotidiano dos brasileiros...

Hoje, o livro disputa espaço com a TV, o DVD, o computador, os *i-pods*, *i-pads*, *tablets*, celulares e sabe-se Deus o que mais andam inventando por aí!..., e nós, professores, precisamos usar muito mais do que a psicologia para instigar nossos alunos à leitura. Além de promover, diariamente, um momento de leitura interpretativa em voz alta, como sugerido acima, devemos conversar com eles sobre os textos lidos, permitir que exponham seus pontos de vista, que manuseiem os livros, instigá-los a recontar as histórias, reproduzi-las em desenhos, colagens, pinturas, etc, e, especialmente, em palavras (orais e escritas), adicionando ou substituindo detalhes, de acordo com sua imaginação e experiência de mundo.

Além disso, devemos oferecer, para leitura (em sala de aula e em casa), um amplo rol de obras (para isso, o professor terá que lê-las antecipadamente a fim de constatar suas características literárias e não correr o risco de apresentar leituras pobres de arte), e não *uma* obra. Assim, nossos alunos poderão escolher as que mais lhes agradam. E no escolher, estarão em contato com muitas obras, discutirão com seus colegas sobre suas escolhas e desejarão compartilhar suas experiências de leitura.

A essas leituras, literárias, não deve ser agregada a condição da nota. Ainda que muitos de nossos alunos só façam as atividades que propomos pensando na nota e, em consequência, na aprovação, não devemos aplicar provas sobre a literatura e nem exigir trabalhos. Basta que solicitemos de cada aluno que compartilhe com a classe a leitura que fez (ou ainda está fazendo, ou não quer fazer). A exposição da obra que lê – orientada pelo professor (que deve conhecê-la profundamente e relacioná-la a outras obras, mais complexas) – vai suscitar a curiosidade de outros alunos. A nota fica, assim, relegada a segundo plano, e pode ser dada de acordo com o *esforço* do aluno: mesmo que não tenha ainda lido uma obra por inteiro, com certeza – acreditamos – deverá ter lido vários trechos de várias obras que, em diferentes momentos de sua vida e de acordo com as necessidades impostas por esses momentos, serão lembradas, consultadas e lidas, efetivamente.

Porém, assim como Ziraldo e muitos outros escritores e estudiosos, sabemos não serão as nossas sugestões isoladas ou os nossos estudos que levarão os brasileiros a habituarem-se, como num passe de mágica, com a leitura e com a arte literária. São, sim, as nossas propostas, o nosso empenho, os nossos debates, a nossa insistência junto a pais, professores e governos, que o farão. Temos que contribuir. E esta tese é nossa contribuição pessoal para aqueles que trabalham com a leitura – e em especial com a arte literária: que ela possa servir de apoio ao exame das obras oferecidas aos nossos filhos e alunos, a fim de que não se ofereça aos *leitores em formação* qualquer tipo de texto, em nome da literatura.

Em consonância com esse intuito, buscamos critérios que possam servir de orientação na escolha de obras literárias, e encontramos, em Perrone-Moisés (1998), características bem definidas, claras, didaticamente elencadas – empregadas por escritores canonizados no ocidente em suas escolhas literárias –, que conferem ao texto escrito o estatuto de arte. De posse do conhecimento dessas características artístico-literárias, escolhemos algumas obras (consideradas infantis e juvenis) de autores brasileiros, e buscamos, nelas, encontrar a arte que as faz literatura.

Reiteramos que todas as narrativas que compõem este estudo possuem *todas as características* apontadas como necessárias à arte literária, assim como acontece em *toda a literatura*. Algumas dessas características são explícitas, evidentes, claramente identificáveis e outras, implícitas e percebidas somente por meio de leituras mais profundas, de exames minuciosos dos textos.

Uma das tarefas mais árduas que encontramos na construção desta tese, foi a decisão sobre como apresentar as análises das narrativas que escolhemos para servirem de *corpus* em nosso estudo. Diversas alternativas foram avaliadas e abandonadas por se revelarem como insuficientes ou problemáticas. Por fim, lembramo-nos de ter lido (em alguma fonte já esquecida) que todos os leitores deveriam ser iniciados na leitura literária com obras recentes, suas contemporâneas. Dessa forma, a linguagem e os contextos seriam melhor compreendidos e, assim, mais apreciados. Optamos, então, pela ordem cronológica inversa – seguindo o precedente de Fausto Barreto e Carlos de Laet que em 1895 produziram a *Anthologia Nacional ou Coleção de Excerptos dos Principaes Escriptores da Língua Portuguesa do 20º ao 16º Século*, afirmando que “acertado julgámos principiar pela phase contemporanea, e desta remontar ás nascentes da lingua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como falla para depois aprender como se fallava.” (BARRETO e LAET, 1918, p. 7).

Caminhamos, desse modo, dos anos 2010 em direção ao passado, até o início da década de 1920. E tivemos muitas oportunidades de conferir que, conforme prevíamos, a literatura brasileira que recebe os adjetivos “infantil” e “juvenil” é riquíssima em temas, efabulação, motivos, trabalho com a linguagem, mescla de gêneros e formas, sendo ainda fartamente temperada de humor e alegria, ainda quando trata de assuntos sérios.

Percebemos também que as ilustrações, tão menos exploradas nas obras literárias “adultas” vêm sendo, ao longo dos anos, mais e mais empregada nas “infantis” e “juvenis”, agregando às narrativas escritas a narrativa imagética, cada vez mais elaborada, o que confere à obra literária maior saturação de sentidos, ao mesmo tempo em que agrada aos olhos e prende a atenção do leitor na exploração dos textos.

Por fim, pudemos ainda verificar que os períodos em que dividimos as narrativas para análise – século XXI (Capítulo V), anos de 1980 e 1990 (Capítulo VI) e “anos 20” à década de 1970 (capítulo VII) – apontam para aspectos que sinalizam uma homogeneidade (relativa) na literatura produzida em cada um desses períodos. Dessa forma, o aspecto educativo e a preocupação com a “brasilidade” ficam evidentes no conjunto de obras apresentadas no Capítulo VII; no capítulo anterior, é a preocupação com a língua – os aspectos linguísticos, os vários sentidos possíveis pelos arranjos de palavras – que se sobressaem; e no Capítulo V, a característica marcante é a universalidade, que nos permite ser não somente brasileiros, mas seres planetários, cidadãos do mundo, globalizados, ligados a tudo e a todos por fios invisíveis de comunicação que virtualmente cortam a atmosfera que nos permite inspirar a vida humana.

Muitas obras excelentes e autores magistrais não puderam ser incluídos em nosso estudo. Isso não se deveu à falta de merecimento, mas à escassez de espaço físico e de tempo. Para se ter uma ideia, deixamos de falar das obras de Tales de Andrade, de Graciliano Ramos, Menotti del Picchia, Erico Veríssimo, Mary Buarque, Luiz Jardim, Francisco Marins, José Mauro de Vasconcelos, Elos Sand, Nina Salvi, Lúcia Machado de Almeida, Mário Donato, Maria José Dupré, Elvira Vigna, Joel Rufino dos Santos, Ruth Rocha, Marco Túlio Costa, Ofélia e Narbal Fontes, Edson Gabriel Garcia, Luiz Galdino, Orígenes Lessa, Marina Colasanti, Pedro Bandeira, Pedro Bloch, João Carlos Marinho, Sylvia Orthoff, Lucília Junqueira de Almeida Prado, Stella Carr, Ganymédes José, Jorge Miguel Marinho, Léo Cunha, Mirna Pinsky, Samir Meserani, Rosa Amanda Strauz, Lia Zats, Ricardo Azevedo, Luciana Sandroni, José Paulo Paes, Arthur Nestrovski, e tantos outros, que precisaríamos de outra tese para nomeá-los.

Porém, esses autores não ficarão esquecidos. Ainda há muitos trabalhos que pretendemos realizar no futuro, dentre eles – quem sabe em um Pós-Doutorado –, construir uma obra de maior fôlego sobre a literatura infantil e juvenil brasileira, seguindo nas pegadas do que Nelly Novaes Coelho (2006) já produziu, referente a décadas prévias..

Por ora, nosso testemunho é o de que a literatura infantil e juvenil brasileira esbanja criatividade, poder de inovação e arte poética. Sua amplitude e variedade a coloca no mesmo patamar estético das melhores obras literárias para adultos, nacionais ou internacionais. Esperamos que a presente tese tenha efetivamente ajudado a evidenciar essa riqueza aos olhos do leitor e o tenha transportado aos mundos ficcionais criados em tinta sobre papel pelo conhecimento, imaginação e sensibilidade dos autores brasileiros.